

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

KELLY THAYSY LOPES NASCIMENTO

**EGIPTOMANIA NO BRASIL:
MANIFESTAÇÕES EGÍPCIAS EM JOÃO PESSOA**

**JOÃO PESSOA
2013**

KELLY THAYSY LOPES NASCIMENTO

**EGIPTOMANIA NO BRASIL:
MANIFESTAÇÕES EGÍPCIAS EM JOÃO PESSOA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de
Ciências das Religiões da
Universidade Federal da Paraíba
como requisito complementar para
obtenção do título de licenciatura
em Ciências das Religiões, sob
orientação do professor Dr.
Fabrício Possebon

João Pessoa
2013

KELLY THAYSY LOPES NASCIMENTO

**EGIPTOMANIA NO BRASIL:
MANIFESTAÇÕES EGÍPCIAS EM JOÃO PESSOA**

Monografia submetida à Banca Examinadora designada pelo Curso de Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Ciências das Religiões.

BANCA EXAMINADORA

Assinatura: _____

Prof. Dr. Fabrício Possebon
(Orientador)

Assinatura: _____

Profa. Dra. Dilaine Soares Sampaio de França

Assinatura: _____

Prof. Dr. Deyve Redyson

João Pessoa, _____ de _____ de 2013.

Para minhas mães Sandra e Joana,
as minhas heroínas.

Agradecimentos

Primeiramente ao Supremo criador que às suas obras destina uma demonstração de Amor, no encantamento das belezas e na liberdade do ser e ter nessa constante busca minha pela vida.

Aos quatro que, de forma incessante, me provaram na natureza humana, a semelhança de algo que se parece Amor. Meus pais: Agostinho da Silva Nascimento, Sandra Lopes Nascimento e Avós: Luiz Fernandes Lopes e Joana da Silva Lopes. Lembro-me do cuidado e zelo, mas ainda fortemente lembro-me da mão firme que não me faltou em cada etapa da jornada até hoje. Agradeço-os pela confiança e contribuição, pois sei que sem eles não haveria o adiante.

A Katryn Tharsylla Lopes Nascimento, irmã, que por existir me dá motivos para ser feliz.

A Fábio Cabral Reis da Costa, noivo, que clareia a minha vida no olhar, deixando-a mais linda só por estar, confirmando a existência do que há de mais belo no existir, o Amor.

Aos amigos, os de perto e os de longe, que na persistência do acreditar desenvolveu a ajuda mais importante, a insistência de um pensamento positivo que é a força para que tudo dê certo, em especial aos do EJC e CDMD.

A Universidade Federal da Paraíba, pelo incentivo no curso e também em pesquisas.

Ao meu orientador, Dr. Fabrício Possebon que pacientemente desenvolveu comigo essa pesquisa a partir de seus esclarecimentos, pela capacidade profissional, inteligência e seriedade, guardo-o com grande zelo e admiração.

A Dr^a Neide Miele, grande referência também para mim, minha linda professora que por me apresentar o verdadeiro Antigo Egito, desde a primeira aula me encantou e me encorajou para a pesquisa que hoje resulta neste trabalho de conclusão de curso.

A Dr^a Margareth Marchiori Bakos, grande pesquisadora de Egiptomania no Brasil que com carinho me incentivou a desenvolver o trabalho, dando toda a assistência possível através de livros e conversas por email.

Enfim, a todos que independente da ação, contribuíram! A partir de uma construção que se desenvolve em meio à bonança e também momentos ásperos, compondo o Ser que é inacabado, mas cheio de possibilidades.

“Tu sabias perfeitamente, Egito, que em teu leme com fio atado ao coração eu tinha, e que me levarias arrastado. Tinhas consciência da supremacia que sobre mim exerces e que a um simples aceno teu eu infringira as ordens dos próprios deuses”
(Shakespeare, 2007, p. 131).

Resumo

O presente trabalho busca analisar algumas imagens identificadas em estabelecimentos, cemitérios, logotipos, praças e outros da Cidade de João Pessoa que apresentam elementos egípcios (obelisco, pirâmides, fênix, faraó) em sua composição, o que caracterizamos como Egiptomania, a fim de compreender esse fenômeno milenar de transculturação. Também será feito um panorama do histórico e do significado da Egiptomania, bem como as suas manifestações simbólicas, aqui exemplificadas pelas fotos. Como essas imagens percorrem distintas temporalidades – passado e presente – será necessária também uma reflexão acerca do simbolismo contido em suas representações. Para essa análise optou-se pela utilização da abordagem qualitativa empregando o valor de interpretações dos fenômenos e suas equivalências, a partir de referenciais norteadores de aprofundamento e investigação.

Palavras-chave: Egito; Egiptomania; Simbolismo; João Pessoa.

Abstract

This paper seeks to examine some images identified in establishments, cemeteries, logos, and other places in the city of Joao Pessoa containing Egyptian elements (Obelisks, pyramids, pharaoh, phoenix) in their composition, that we consider to be as Egiptomania in order to understand this ancient phenomenon of transculturation. It will also be made an overview of the history and of the meaning of egiptomania, as well as its symbolic manifestations, here exemplified by the photographs. It will also be studied how these images run through different periods of time - past and present- turning to be also necessary to take a reflexion about the symbolism contained in their representations. For such analysis we opted for the use of a qualitative approach searching for the value of interpretations of these phenomena and their equivalences, from guiding principles of deepening knowledge and research.

Keywords: Egypt; Egiptomania; simbolism; João Pessoa.

Lista de Fotografias

Foto 1: O Pastor Egípcio por Honório Esteves.....	36
Foto 2: Um costume favorito por Sir Lawrence Alma-Tadema (1909).....	37
Foto 3: Nobres egípcios jogando uma forma primitiva de xadrez.....	37
Foto 4: Túmulo da artista Dercy Gonçalves como pirâmide de vidro.....	38
Foto 5: Faraó's Motel em São Paulo – Brasil.....	39
Foto 6: Suíte do Faraó's Motel em São Paulo – Brasil.....	39
Foto 7: Chafariz com o elemento pirâmide, criado pelo Mestre Valentim.....	41
Foto 8: Pirâmide Hotel – Natal, RN, Brasil.....	42
Foto 9: Templo da Boa Vontade em Brasília, DF, Brasil.....	43
Foto 10: A Pirâmide do Parque do Povo, Campina Grande, PB.....	44
Foto 11: Obelisco na Praça da Independência, centro de João Pessoa, PB.....	46
Foto 12: Pirâmides na Praça Vidal de Negreiros.....	47
Foto 13: Instituto Educacional Fênix, Geisel, João Pessoa, PB.....	47
Foto 14: Estandarte do Instituto Educacional Fênix.....	48
Foto 15: Construtora Pirâmide, Tambaú, João Pessoa, PB.....	49
Foto 16: Hotel Solmar Quality, Cabo Branco.....	50
Foto 17: Faraó esculpido pelo Artista Zé Ferreira.....	51
Foto 18: 7ª Pirâmide, Cabo Branco.....	52
Foto 19: Edifício Phoenix, localizado na avenida Ruy Carneiro.....	53
Foto 20: Túmulo em forma de pirâmide localizado no Cemitério da Boa Sentença.....	53
Foto 21: Nesil Metalúrgica Ltda, Cristo Redentor.....	55
Foto 22: Facene/Famene, Gramame.....	55

Sumário

INTRODUÇÃO	11
1. A EGIPTOMANIA: COMPREENDENDO O FENÔMENO	26
1.1 O Sentido no Símbolo.....	26
1.2 A Origem da Egiptomania.....	20
1.3 A Egiptomania.....	26
2. EGIPTOMANIA NO BRASIL	31
3. MANIFESTAÇÕES EGÍPCIAS EM JOÃO PESSOA	45
CONCLUSÃO	58
REFERÊNCIAS	62

INTRODUÇÃO

O presente trabalho se propõe a estudar especificamente a Egiptomania como instrumento para descobertas do seu emprego na Cidade de João Pessoa. Conforme a pesquisa detalharemos a predominância dos aspectos egípcios encontrados e analisados para certificarmos de que se trata de uma egiptomania.

Entende-se como egiptomania a reutilização de elementos e símbolos egípcios, mas com novos significados. Suas representações são baseadas no Egito, mas o seu emprego revela singularidades segundo a sua utilidade: “trata-se da recorrência a um período histórico que produziu ícones bastante relevantes para o patrimônio histórico da humanidade” (BAKOS, 2005, p. 235).

A pesquisa se justifica por demonstrar que os valores simbólicos antigos contribuem com a maneira de ser brasileira; e, por outro lado, representa a contribuição ao processo de formação das visões dos brasileiros quanto ao Oriente. O processo de integração das culturas comunica características de ambas que refletem assim peculiaridades da egiptomania.

Como um ramo da egiptologia, a egiptomania se caracteriza enquanto uma reinterpretação e a reutilização de traços da cultura do antigo Egito. Em tal processo são ressignificados valores, comportamentos, etc., ou seja, por meio da reeleitura do simbolismo egípcio, novas visões de mundo são construídas em diversas dimensões.

Considerando as fontes bibliográficas da egiptomania, selecionaremos nossos objetos de análise que se constituirão a partir das expressões simbólicas encontradas na cidade, para em seguida perguntarmos sobre a sua importância, o porquê da influência desta cultura, onde estão representadas no cenário paraibano e qual é o valor atual de tais manifestações. O Egito obtém espaço no mundo a partir da expedição de Napoleão

Bonaparte, que se inicia como uma aventura política e militar, mas que se transformará, em parte, em expedição científica, resultando o grande espaço da egiptomania. Percebe-se o grande passo da Egiptologia com a missão Francesa ao Egito e também pela decifração da Pedra de Roseta por Champollion em 1824.

A verificação da escrita egípcia contribuiu com a propagação desta cultura ao mundo e também promoveu a vinda de antiguidades do Oriente para o Ocidente. As famílias europeias tiveram destacado papel na formação de acervos sobre o Egito e, no Brasil, D. Pedro I inicia a coleção que está localizada no Museu Nacional, no Rio de Janeiro, ainda continuada por seu filho D. Pedro II. Esta coleção que hoje temos é considerada a maior e mais importante coleção da América do Sul.

Este trabalho procura lançar uma reflexão plausível sobre aspectos da egiptomania como um fenômeno de cunho social e cultural que vai além da estética, mas nem por isso dando menos destaque para esses aspectos.

Dessa forma, no primeiro capítulo será apresentado um panorama sobre a origem e significado da Egiptomania para que, no seguir o trabalho, se constitua conforme os aspectos confirmados entre os símbolos em análise. No capítulo 2º veremos a Egiptomania no Brasil composta por imagens e representações escritas e, no capítulo 3, identificaremos a Egiptomania em João Pessoa. Neste último capítulo serão analisadas 12 imagens que utilizam símbolos egípcios, encontradas em diversos bairros da cidade.

Deste modo, pesquisaremos os movimentos egípcios como parte integrante da cultura brasileira e mais especificamente na capital paraibana, através das nomenclaturas e/ou logotipos presentes, por exemplo, em cemitérios, obras de arte da cidade, entre outros. Da identificação destes símbolos partiremos para a análise considerando a bibliografia específica.

JUSTIFICATIVA

Confirma-se, pelas buscas inerentes ao ser humano, a presença de uma necessidade de resposta para diversos aspectos de sua vida, continuando a princípio estabelecer as perguntas que satisfaçam à sua própria vontade de demanda por uma justificativa plausível.

Com isso, nota-se em meio aos símbolos a adequação de uma necessidade em dar sentido a situações, momentos, negócios e outras manifestações advindas da realidade em que se vive. O Egito exerce um grande fascínio sobre algumas pessoas a partir das suas representações que alinham um objetivo que se renova nos dias atuais.

Essa renovação se dá na estrutura que se mantém em símbolos de épocas diferentes, como é o caso estudado. Conforme a estrutura inicial do significado, na Egiptomania se constrói o Antigo Egito na contemporaneidade contendo traços de um objetivo atual, ou seja, encontramos o Egito, porém com novidades decorrentes do universo onde se é instalado.

Conforme a pesquisa percebe-se o encontro com os símbolos egípcios em correntes formas de trazê-lo para o universo em que se vive, acreditando que esses possam trazer benefícios para diversos aspectos da vida. Confirmando tal ação, evidenciamos na pesquisa através da entrevista os relatos de sucesso nos negócios, por exemplo, relacionados ao fato de ter inserido o Egito como parte da sua empresa, escola, loja, etc.

Com isso, a Egiptomania representa uma forma de auxílio para as buscas do ser humano em adequar a sua realidade a aspectos que contribuam com os seus objetivos diversos no dia a dia. Conforme se percebe no estudo, os símbolos egípcios são

utilizados como ferramenta de “sorte” para o sucesso em vendas, demonstração de excelência em serviços, solidez e força nos empreendimentos.

Deste modo, este é um tema que trará grande contribuição para a academia, precisando ser mais discutido a partir de embasamento bibliográfico, tomando como destaque a validade de argumentos em consonância de apuração para um fim com qualidade descritiva, intelectual e científica.

APRESENTAÇÃO DO OBJETO

GERAL

Esta pesquisa, considerando a bibliografia existente acerca da Egiptomania, procurará investigar as suas manifestações na cidade de João Pessoa, a partir da verificação de símbolos egípcios presentes em imagens, nomenclaturas, entre outros, esperando contribuir com a pesquisa geral de Egiptomania no Brasil.

ESPECÍFICOS

- Estudar a origem e significado da Egiptomania;
- Pesquisar a Egiptomania no Brasil;
- Identificar manifestações egípcias em João Pessoa.

METODOLOGIA

A pesquisa se configura como de natureza teórica, servindo de aporte para a análise das manifestações da cultura egípcia na capital paraibana, visando estabelecer informações consistentes para o objetivo estabelecido. Quanto a sua abordagem, esta se define como qualitativa, empregando o valor de interpretações dos fenômenos e suas equivalências, a partir de referenciais norteadores de aprofundamento e investigação, utilizando-se de entrevistas informais para um amplo entendimento e classificação do objeto. Por fim, podemos classificá-la como exploratória já que se estabelecerá a partir de um levantamento bibliográfico, composto principalmente pelas obras de: Bakos, Said, Jacq, Mella, Cardoso.

ESTADO DA ARTE

1. A EGIPTOMANIA: COMPREENDENDO O FENÔMENO

1.1 O SENTIDO NO SÍMBOLO

Simbolizar significa lançar juntamente, amontoar, reunir, ou seja, aproximar objetos e ideias. O símbolo surge como estruturação das relações do homem com o mundo (MOURA, 2000, p. 76). Segundo Nasser (2006, p. 24) o símbolo nasce com o esplendor da vida, mas para desenvolver-se precisa ser alimentado. A autora explica que quando acolhemos o símbolo como lembrança de algo; o alimentamos, dando-lhe força.

Segundo Frankl (2005, p. 23) O homem procura sempre um significado para sua vida. Ele está sempre se movendo em busca de um sentido de seu viver. O autor ressalta que esse é um interesse primário do homem. Estudando os símbolos percebemos o grande valor que é empregado ao interesse na utilização dos símbolos egípcios, esses por retratarem uma constante busca mediante o desejo de significar momentos, ideias, etc. Na Egiptomania o símbolo significa a vontade de sentido através de diversos propósitos que surgem no interesse de motivar e acreditar no antigo como fonte para o presente, a Egiptomania é a expressão do Antigo Egito na contemporaneidade mediante uma vontade que evidencia primordialmente a fé.

Aproximar objetos e significados é fazer viver intensamente o simbolizar, formando a força, onde consumimos a grandeza cada vez mais presente que culmina em um reavivamento frequente que ultrapassa os limites da consciência, tornando-se presente, mesmo quando não permanece na lembrança contínua.

Na egiptomania, obtemos a frequência do símbolo que cultiva em algumas pessoas o interesse pelo que se vivia no antigo Egito, atendendo as buscas pelo romper

do tempo atual por uma necessidade do antes, na utilização dos significados que sem fronteiras permanece vivo mediante o grande valor alcançado por força do símbolo.

Frankl (2005, p. 23) descreve que o homem responde às questões que a vida lhe coloca e por esta via realiza os significados que a vida lhe oferece. A vida no símbolo faz surgir também vida no valor que lhe é dado, o significar para o homem aquece a fé e a vontade de sentido.

O principiar conforme a mendicância que se manifesta no que se pensa ser os primórdios revela em contrapartida a adoção inconsciente, variadas vezes, de um alimento simbólico em conformidade com o ultrapassar das barreiras indicadas de superioridade atual em suas diversas perspectivas, seja científica, econômica, de informação, para um sentido que se tem mediante a força principalmente, que o antigo alcança na sociedade atual segundo as práticas reconhecidas como egiptomania.

A Egiptomania se vivifica a cada manifestação, como produto de um grande valor simbólico que ultrapassa dizeres de modernidade e atual, pois a sua experiência comprova a contornância por lugares, tempo e espaços diferentes entre significados sempre atuais.

Os símbolos são assim, representam algo estão no lugar de um sentimento, de uma pessoa, de um momento. E, enquanto o alimentarmos ele continuará vivo (NASSER, 2006, p. 25).

Segundo Moura (2000, p. 77):

O simbolismo que Mircea Eliade e Paul Ricoeur apresentam está, também, instalado nas hermenêuticas instauradoras, pois, para eles, o símbolo tem um sentido espiritual e corresponde a uma experiência particular, de uma qualidade original e irreduzível, que é o Sagrado. Não existe, então, pensamento simbólico sem a categoria do entendimento ou a consciência do Sagrado (MOURA, 2000, p. 77).

A autora afirma que os símbolos não são meras representações de sinais, já que o sinal é essencialmente artificial ou convencional. Os símbolos pertencem ao mundo de significados; logo, todas as relações simbólicas são relações significativas; enquanto que os sinais, são abreviações fixas e convencionais para algo conhecido (MOURA, 2000, p.78).

Segundo Nasser (2006, p. 23) O símbolo nasce da capacidade que temos de transcender, de ir além, uma vez que possuímos a espiritualidade como uma de nossas dimensões. O símbolo nasce, cresce e se reproduz, para que continue vivo é preciso que seja alimentado. Quando lembramos da sua representação, seu significado, o tornamos em contínua vida.

Na Egiptomania se faz necessário primeiro o continuar a pensar sobre a manifestação, o querer seguir ou acreditar para que continue a ser vivo na contemporaneidade. Os símbolos egípcios servem de amuletos de sorte como também inspiração em variados aspectos, como profissional, arte, arquitetura, etc.

O homem não pode fugir à sua própria realização. Não pode senão adotar as condições de sua própria vida. Não estando mais num universo meramente físico, o homem vive em um universo simbólico. A linguagem, o mito, a arte e a religião são partes desse universo. São os variados fios que tecem a rede simbólica, o emaranhado da experiência humana (CASSIRER, 1994, p.2).

Segundo Cassirer o homem está constantemente conversando consigo, vive em meio a emoções imaginárias, em suas fantasias, sonhos, em formas ilimitadas de pensar e ser. A racionalidade é inerente ao homem, no entanto essa expressão limita o entender sobre o próprio diante da riqueza no viver cultural e variedades, por isso Cassirer estende a definição de animal racional para animal simbólico.

Os traços simbólicos são característicos na vida humana a partir do comportamento e pensamento simbólico que são responsáveis pelo progresso da cultura

humana. Segundo Cassirer (1994, p.5) o símbolo faz parte do mundo humano do significado.

O princípio do simbolismo, com sua universalidade, validade e aplicabilidade geral, é a palavra mágica, o abre-te sésamo que dá acesso ao mundo especificamente humano, ao mundo da cultura humana... Um símbolo é não só universal, mas também extremamente variável. Posso expressar o mesmo sentido em várias línguas; e, mesmo nos limites de uma única língua um certo pensamento ou idéia pode ser expresso em termos totalmente diversos (CASSIRER, 1994, p. 7 e 8).

A vontade de sentido confirma a vida do símbolo (egípcio) na perspectiva de lembrança que se atualiza conforme o significar, que se vivifica mediante o acreditar; e permanece inicialmente a partir da constante busca do sentido, especificado na Egiptomania segundo o comportamento que evidencia o buscar e o confiar para um objetivo.

Acentuando a presença dos símbolos egípcios, identificaremos o que esses significam a partir da egiptomania, comentaremos o seu valor inicial e o seu valor contemporâneo como fonte também de identificação e interesse pela sociedade. Assim, acompanharemos a descoberta da Egiptomania na cidade de João Pessoa e em seguida o significado simbólico que é dado para esses.

1.2 A ORIGEM DA EGIPTOMANIA

Desde há muito tempo o Egito carrega consigo a imagem de um passado singular e bastante complexo, além de despertar interesse e fascínio entre os diversos povos que o conheceram (COSTA, 2012, p. 21). Como ressalta a autora, o Egito sempre foi alvo de curiosidade, isso devido aos seus símbolos e também cultura que fascinava inclusive os que não tiveram acesso e contato direto a esta civilização. “O fascínio que o Egito exerce sobre a humanidade, com suas pirâmides, deuses, faraós, múmias e

hieróglifos, não é um fenômeno recente. Na realidade, é algo que existe desde a Antiguidade”. (BAKOS, 2004, p.4).

O Egito está localizado geograficamente ao norte do continente Africano, situado entre os desertos da Líbia e da Arábia. O fato de ter uma boa localização colaborava contra ataques, chamava a atenção dos Gregos que contrário a essa situação estavam localizados em uma região semiárida.

O que mantinha os ideais de práticas dos Egípcios era a sua religiosidade que era fundamental para o alinhamento de seu modo de vida. Vale salientar o grande interesse de viajadores para conhecer a região nilótica e principalmente depois que conheciam os poemas: *Iliada* e *Odisseia* como também na *Teogonia*: A origem dos Deuses. Os Gregos iam até o Egito para conhecerem os lugares citados nos escritos. Segundo Costa:

O Egito permaneceu no imaginário grego como terra singular e espantosa, sobretudo porque na época helenística, Alexandria – cidade com elevado número de população grega –, era capital da cultura do Mediterrâneo oriental com o Museu e Biblioteca, e multicultural, com populações provenientes dos mais diferentes pontos da terra habitada. Para lá confluíam historiadores, filósofos e poetas que eram apoiados pelo *establishment* lágida (MOTA, 2008, p. 56 *apud* COSTA 2012, p. 24).

Conforme Costa (2012, p. 26) “Os romanos também estiveram entre os povos que se interessaram em conhecer mais de perto a rotina e os costumes dos egípcios, porém, são mais escassos os relatos de seus viajantes”. O que há de informações deste tempo é a partir do momento em que o Egito se torna uma província de Roma.

O Egito sofre uma série de invasões, inicialmente pelos Assírios em 670 a.C. logo após pelos Persas em 525 a.C., Macedônios 332 a.C., 200 anos depois pelo Alexandre o Grande, Romanos, em 30 a.C., até a conquista dos Árabes no séc. VII. A partir de tantas invasões, esses povos sofreram muitas influências e essas afetariam seus costumes, crenças em divindades, o que resulta em um grande sincretismo.

“Quando Alexandre conquistou o Egito, as divindades antigas ganharam uma nova e poderosa influência em todo o mundo helenístico” (CURL, 1994 p. 03 *Apud* COSTA 2012, p. 27). Essas influências provavelmente seguem para futuras apropriações de elementos Egípcios. Os gregos foram responsáveis pelo processo de mitificação do Egito devido ao seu fascínio por ele, enquanto os Romanos de forma mais veemente avançavam através da curiosidade em conhecer as características do país, pois com eles se deu o início das apropriações de elementos egípcios que persistiu durante séculos.

Para os Romanos o que mais impressionava no Egito era a Religião, especificamente o Culto a Osíris que alcança todo o império Romano através do comércio e movimentos de soldados. Com as apropriações de objetos Egípcios, ao decorrer do tempo esses elementos foram tomando novos significados, a partir disto vai surgindo a arqueologia Egípcia o que depois será evidenciado o surgimento da Egiptomania.

Com o primeiro imperador Romano: Augusto (63 a.C. – 14 d.C.) houve o transporte de 2 obeliscos para Roma a fim de demonstrar o seu poder. “Os romanos pretendiam mostrar que o Egito estava dominado política e culturalmente, se apropriando dos monumentos mais significativos de sua religião” (COSTA, 2012, p. 29).

Costa (2012, p. 29) evidencia que aos poucos o Egito vai sendo descaracterizado para ideais de poder, onde suas representações após o séc I d.C., perdem força com a chegada do Cristianismo:

Com o passar do tempo – especialmente a partir do século I d.C. –, nem os próprios egípcios reconheciam mais a sua escrita e com o surgimento do cristianismo a atenção se volta a essa nova religião, aos lugares sagrados de peregrinação e às estátuas de santos que começavam a ser cultuadas pelos novos fieis (COSTA, 2012, p. 29).

A partir do século XI ao século XII o Ocidente voltou a observar mais o Egito, isso a partir das Cruzadas e das peregrinações, devido às associações com histórias de outro povos, como: “as pirâmides com os celeiros de José e a esfinge de Gizé com a lenda grega” (SAUNERON, 1970, p. *Apud* 08 COSTA, 2012).

O Egito parece ressurgir nas buscas e interesse do povo a partir do Renascimento, isso pela volta de visitas e também pelo surgimento da imprensa que se deu no século XV e é somente no século XVIII que é redescoberto e revelado ao mundo através da expedição de Napoleão Bonaparte.

A intenção de ir ao Egito já era presente em Napoleão Bonaparte desde a adolescência, contudo a sua ida não foi por interesse próprio e sim por mediação do diretório. Havia grandes desavenças entre a França de Napoleão contra a Inglaterra, logo surge um motivo para prejudicá-la. Napoleão bloqueia o caminho que levava os ingleses à Índia através da ocupação de istmo e Suez e parte para o Egito em 1798 acompanhado com “trinta e cinco mil homens divididos em duzentos navios, chegando em Alexandria no primeiro dia do mês de julho” (COSTA, 2012, p. 33).

Havia diversos interesses envolvidos nesta viagem, entre eles, científico, militar e econômico. Mediante o interesse científico estava o de criar o Instituto do Egito a exemplo do Instituto da França criado em 1795 em Paris. O Instituto do Egito iria documentar todos os aspectos do Egito desde sua antiguidade até a contemporaneidade. Para isso, a expedição contava com diversos profissionais de diferentes áreas, são eles:

Vinte e um matemáticos, três astrônomos, dezessete engenheiros civis, treze naturalistas e engenheiros de minas, a mesma quantidade de geógrafos, três engenheiros de solos; quatro arquitetos, oito desenhistas, dez artistas mecânicos, um escultor, quinze intérpretes, dez homens de letras, vinte e dois tipógrafos, munidos de tipos com caracteres latinos, gregos e árabes (TULARD, 1996, p. 79 *Apud* COSTA, 2012, p. 34).

Mediante todo este episódio foi travada uma batalha que ficou conhecida como a “Batalha das Pirâmides”, os homens de Napoleão saíram vitoriosos e isto ocorreu devido aos mamelucos que dominavam o País naquele momento. Após essa vitória os franceses sofrem uma derrota quando foram surpreendidos pelos ingleses ao norte do Egito na baía de Aboukir, após esse acontecimento a Turquia declarou guerra à França que por consequência incitou o apoio dos mamelucos e ingleses que se estende até 1799 quando o diretório ordena a volta de Napoleão à França.

Apesar de todas as lutas e também recuo, a expedição gerou grande lucro para a população. “A criação do *Institut National d’Egypte* no Cairo, em agosto de 1798, ajudou na propagação e divulgação de trabalhos feitos na região, pois várias escavações foram realizadas nas principais cidades” (COSTA, 2012, p. 35).

Colaborando com esta divulgação surge a obra: “Description de l’Égypte” que segundo Costa (2012, p.35) é datada entre (1809-1828), dividida em vinte e três volumes e considerada a base para o desenvolvimento da ciência egíptológica.

Anterior a obra citada acima, obtemos uma publicação que é de grande importância para a redescoberta do Egito, é o que vai dar início a Egíptomania. Assim como na *Description* pode-se observar também algumas características da Egíptomania, a obra mencionada é: “Le Voyage dans la Basse et la Haute Égypte pendant la campagne du Général Bonaparte (1802)” (COSTA, 2012, p. 36).

Conforme a *Description*, seguimos na percepção da Egíptomania que surge a partir da reprodução das manifestações egípcias. Podemos conferir conforme Costa (2012) refere:

A primeira característica é o aumento do interesse e da reprodução das coisas ligadas ao Egito, consideradas exóticas. É nesse período que os saques das antiguidades egípcias se intensificam e com o aval do vice-rei do Egito, Muhammad Ali. (COSTA, 2012, p. 36).

A partir da Redescoberta do Egito através da expedição de Napoleão alguns países europeus entram em competição para a verificação de quem obteria mais antiguidades nos acervos de seus museus. Alguns países europeus continham cônsules no Egito e isso facilitaria na obtenção de objetos e diversas antiguidades egípcias.

A sede gananciosa dos saqueadores de encontrar quaisquer tesouros no interior dos túmulos levou a destruição dos mesmos, pois estes estavam dispostos a tudo para conseguir entrar e levar a maior quantidade de objetos que pudessem carregar, configurando a segunda característica da Egiptomania.(COSTA, 2012, p. 37).

A autora segue afirmando que além dos desenhos obtidos durante a expedição, os homens de Napoleão levaram uma grande quantidade de peças originais do Egito para a França e que posteriormente foram tomadas pelos ingleses. “Nesse contexto surge a terceira característica da Egiptomania, que é dada através do entendimento dos textos do Egito antigo, abrindo caminho para a Egiptologia.” (COSTA, 2012, p. 38).

A quarta característica da Egiptomania, seguindo o raciocínio da autora, se dá no fascínio pelos monumentos e símbolos egípcios. É importante ressaltar a Egiptomania nas práticas que se inicia através da Egiptologia, quando é descoberta a tumba de Tutankhamon da XVIII Dinastia em novembro de 1922, era grande a excitação pela descoberta o que instiga a continuidade de buscas e estudos de novos descobrimentos.

Segundo Costa (2012, p. 43) e Bakos (2004, p. 12) a Egiptologia propicia o desenvolvimento da Egiptomania que inseriu o Egito antigo no mundo ocidental, através dos obeliscos espalhados nas praças públicas, imensa quantidade de placas de lojas batizadas de pirâmides e outras manifestações egípcias evidenciando o Egito presente na Sociedade Ocidental.

1.3 A EGIPTOMANIA

Seguindo a perspectiva anterior, abordaremos mais detalhadamente a seguir o entendimento do que é a Egiptomania, o que nos ajudará na investigação do objetivo central deste trabalho. Conforme Jean-Marcel Humbert a Egiptomania é a “reinterpretação e o reuso de traços da cultura do antigo Egito, de uma forma que lhe atribua novos significados” (HUMBERT, 1994 *Apud* COSTA, 2012).

Bakos (2002) explica que há três tipos de leituras/pesquisa sobre o Egito Antigo: a Egiptofilia, a Egiptomania e a Egiptologia.

A primeira, da Egiptofilia, busca o exotismo naquela sociedade e deseja a posse de coisas relativas ao Egito antigo. A segunda, da Egiptomania, faz reinterpretação e re-uso de traços da cultura do antigo Egito de uma forma que lhe sejam atribuídos novos significados. A última, da Egiptologia, caracteriza os olhares dos egiptólogos acadêmicos e trata com rigor científico tudo que se relaciona com o antigo Egito, inclusive práticas de egiptomania (BAKOS, 2002, p.2).

Conforme Costa (2012, p.44) a apropriação de motivos egípcios é de longa duração histórica, já a explicação e o detalhamento de tais práticas é algo mais recente e objeto de estudo da Egiptomania que segundo a autora, aborda e distingue o conceito de Egiptofilia que é a posse pelos objetos egípcios e gosto pelo exotismo.

É importante ressaltar que tanto a Egiptomania quanto a Egiptofilia provavelmente se desenvolveram a partir da expedição de Napoleão Bonaparte e também pela descoberta da tumba de Tutankhamon, pois a partir disto como vimos anteriormente, houve o desdobramento dos motivos egípcios destacados por todo o Ocidente que contou com uma grande divulgação a partir da imprensa.

Segundo Costa (2012) e a Egiptóloga Bakos, a Egiptomania é mais antiga que a Egiptologia, já que a prática de utilizar os elementos egípcios com novos significados é anterior à investigação científica sobre essas apropriações. “Com o surgimento da

Egiptologia as práticas de Egiptomania ganharam ainda mais fôlego e acabaram por se incorporar em todos os contextos possíveis” (COSTA, 2012, p. 45).

Na Egiptomania, a criação de figuras humanas não tem a menor preocupação de seguir os cânones antigos, busca, ao contrário, apenas elementos isolados do antigo Egito, tais como vestes, jóias, armas para caracterizar as criaturas como egípcias em atitudes, às vezes, completamente diferentes das tradicionais (COELHOS; SANTOS, p.6)

As práticas de Egiptomania são encontradas em diversos espaços na sociedade e conforme a cultura onde é instalado identificamos em algumas manifestações, retratos da inovação, são os encontros culturais, que são culminados pela essência do lugar e espaço de inserção da cultura alheia. Segundo Costa (2012, p.47):

Dessa maneira, essas referências se transformaram em verdadeiros exemplos de Egiptomania que se propagaram por todos os âmbitos imagináveis da sociedade: literatura, poesia, pintura, escultura, arquitetura, decoração, música, teatro, cinema, lojas, alimentos, bebidas, óticas, imobiliárias, construtoras, salões de beleza, vestuário, materiais escolares, brinquedos, acessórios, jóias e até nas charges, objetos de estudo do presente trabalho: “não há praticamente um elemento de arte egípcia que não foi apropriado” (HUMBERT, 2004, p. 01 *Apud* COSTA, 2012, p. 47).

Podemos compreender melhor a Egiptomania, quando entendemos os processos transculturais. Este se desenvolve quando um motivo cultural se apropria de um outro, constituindo a transição de uma cultura para a outra, havendo novos significados o que também é válido pensar na desculturação parcial que enraíza novos significados e criações de fenômenos culturais, conforme pensa Fernando Ortiz.

A egiptóloga Costa explica que assim como várias pessoas muitas vezes são obrigadas a sair de sua terra Natal a buscar chances em outras terras, logo elas se apropriam de elementos da nova, incorporando-as a suas já existentes. “os símbolos egípcios também passaram por um processo semelhante, quando foram retirados de seu lugar de origem para entrar em outro contexto, muitas vezes com outros significados.” (COSTA, 2012, p. 47).

É com os Romanos que têm início o que podemos chamar de Egiptomania. Entre esse povo, o fascínio pelo Egito surge primeiramente na forma dos cultos aos deuses Ísis e Serápis, que foram incorporados em finais da República Romana, no século I a. C., e, posteriormente, pela anexação de elementos egípcios à sua arte (COELHO; SANTOS, p. 2).

Para o sociólogo brasileiro Octavio Ianni, a transculturação está presente na “história das culturas e civilizações” e o mundo ocidental construiu aos poucos a sua ideia de identidade e nação através da influência de elementos do mundo oriental (COSTA, 2012, p. 48 apud IANNI, 2003, p. 93-95).

A Egiptomania expressa a presença da transculturação que é referente ao Egito antigo em apropriação de outras culturas, a partir disto é inerente novos significados e demonstrações, o que formula novos elementos inseridos na inicial formulação do que é a manifestação em reuso. “Podemos considerar as práticas de egiptomania como elemento do entre-lugar, pois nela há o encontro do passado e do presente de maneira à ressignificá-lo onde o presente torna-se espectador deste hibridismo” (JESUS, 2010, p. 30).

Obtemos como exemplo o Obelisco que está instalado na praça de São Pedro, no Vaticano. Este se encontra adornado com uma Cruz no topo, manifestando a identidade Cristã. O obelisco egípcio original foi erguido para homenagear o deus sol, Rá e foi esculpido em um único bloco de pedra havendo em seu topo a característica de pirâmide, podendo haver inclusive inscrições hieroglíficas.

Quando vemos no topo do obelisco a cruz cristã, logo podemos identificar segundo Costa (2012) e Hagen (2003) dois possíveis significados o de que o cristianismo domina todas as outras religiões, ou ainda, que os ensinamentos cristãos se apoiam na sabedoria egípcia. “A egiptomania é, portanto, o algo novo e faz parte do espaço transcultural já que consiste na representação e significação deturpada do modelo original” (JESUS, 2010, p. 24).

Conforme “a utilização de um ícone egípcio (obelisco e pirâmide) com o acréscimo de outro símbolo (cruz) gera um significado diferente do original e, por isso, é considerado como Egiptomania (COSTA, 2012, p. 48).

As criações “egiptomaníacas” visam procurar no passado – e um passado bastante atual e reconhecido, como é o caso do Egito – uma ligação com o presente, chamando a atenção para o objetivo pessoal a que se propõem. Por exemplo: uma loja que utiliza o nome ou a imagem da deusa gata Bastet (deusa da fertilidade e protetora das mulheres grávidas), geralmente está associada à venda de produtos místicos e esotéricos; um salão de beleza que apresenta a imagem da rainha Nefertiti tem por objetivo transmitir a ideia de beleza, etc. Mas nem sempre esses estabelecimentos comerciais fazem a relação correta do símbolo com o seu significado na Antiguidade e, por isso, se caracterizam como práticas de Egiptomania, pois conferem a esses símbolos novos significados na atualidade. (COSTA, 2012, p. 50).

É importante abranger que para se caracterizar um elemento egípcio é preciso que neste haja inicialmente a compreensão de que é um motivo egípcio. “Para que tais práticas sejam efetivas o criador que se apropria dos símbolos deve ter o conhecimento de que ele é egípcio” (COSTA, 2012, p. 51). A autora afirma que não é preciso compreender com exatidão a sua história e a sua representação na antiguidade, mas deve haver uma associação ao Egito antigo, caso contrário, não haverá uma manifestação de Egiptomania.

“A arte em Egiptomania possui duas características básicas: a utilização de símbolos do antigo Egito com novos objetivos, e a antiguidade do tratamento dado a esses elementos, que devem apresentar referenciais e identificadores da época antiga” (COELHOS; SANTOS, 2005, p. 5 apud BAKOS, 2004, p. 87).

Como foi apresentado, é necessário que haja grande cuidado para a identificação da Egiptomania, pois nem sempre as características das expressões de fato podem firmar esse vínculo o que evidencia o desafio de pesquisa para atribuição de origens e causas originárias das manifestações egípcias.

É importante também este cuidado, pois observamos o estilo egípcio que foi incorporado a outras culturas como a romana e a grega, citamos o exemplo da esfinge

que no Egito tinha como característica o corpo de um leão e o rosto de humano, a esfinge de Gizé, esta esfinge tinha o propósito de guardar ou proteger a casa do faraó. Porém, na Grécia a esfinge era representada com o corpo feminino, possuindo asas e tida como um monstro devorador. Com isso é de grande importância a identificação correta da estrutura para a compreensão da origem.

O que deve ser levado em consideração é que a egiptomania é o fenômeno mais antigo e longo de transculturação jamais ocorrido na história da humanidade e suas práticas não servem para substituir os monumentos ou símbolos originários do Egito, pelo contrário, elas contribuem para exibi-los e exaltá-los, mesmo que os seus meios sejam utilizados para fins comerciais (COSTA, 2012, p. 52 e BAKOS, 2005, p. 238).

Seguindo esta perspectiva, daremos continuidade à pesquisa, identificando a Egiptomania no Brasil para em seguida, analisarmos as manifestações egípcias na cidade de João Pessoa.

2. EGIPTOMANIA NO BRASIL

As tradições da província africana contribuem para a compreensão de manifestações culturais de diversas identidades sociais, dentre elas pontuaremos a identidade ocidental, como um exercício de percepção à busca de origem entre os elementos, sejam eles inseridos na cultura¹ ou de forma abrangente na sociedade.

Desse modo, as contribuições do Egito Antigo no contexto ocidental é antes de tudo uma proposta de reconhecimento desses traços culturais que evidenciam sua importância na contemporaneidade, ou seja, através de símbolos e nomes que estão contextualizados em nossa sociedade. Conforme propomos discutir nessa pesquisa, abordamos nossa investigação para a realidade brasileira, mas especificamente na cidade de João Pessoa-PB.

De volta à egiptomania, encontramos os imperadores romanos, dominadores do Egito entre os séculos I a.C. e IV a.C., como os primeiros a difundirem, no mundo ocidental, elementos egípcios. Eles se fascinaram pelas tradições da província africana, do Mediterrâneo oriental, entre elas, o conceito de poder divino da monarquia faraônica e as promessas de vida eterna do culto de Osiris-Serápis e de sua mulher, Isis. Assim, Otávio Augusto, a exemplo de Assurbanipal, séculos antes, levou obeliscos Egípcios, elementos arquitetônicos ligados ao culto solar e ao poder faraônico, para sua terra. E o culto à deusa Isis tornou-se um dos mais populares no Império Romano. Como veremos, esses dois elementos – especificamente, os obeliscos e o nome de Isis – podem ser encontrados em práticas de egiptomania brasileira. (BAKOS, 2003, p. 2).

Para Bakos (2003), a realidade egípcia produzia um movimento em outras culturas a partir dos imperadores romanos que espargiram esse conhecimento mantendo-o intrinsecamente no Ocidente. De todo modo, é com os romanos que de fato

¹ Nasce com o próprio aparecimento do homem [...] quando expressa suas diversas manifestações [...] quando se utilizou das cavernas para abrigar-se das intempéries climáticas e ali realizou desenhos e pinturas nas paredes desses abrigos; quando fabricou ferramentas primitivas; quando descobriu que poderia se utilizar de um pedaço de madeira com arma, quando cultivou o solo para se alimentar [...] manifestou assim diversas formas e elementos da cultura. (BRUMES, 2006, p. 64).

se alastra os fascínios pelo Egito, a partir de cultos e na incorporação de variados elementos artísticos. Observamos vários registros dessas influências em diversas cidades, como, por exemplo, citamos o Obelisco, que tem sido utilizado inclusive como modelo de decoração na paisagem urbana.

Nesse sentido, confirmando as características do Ocidente que insere a cultura egípcia, identificamos no Brasil, por exemplo, a Biblioteca Pública Estadual de Porto Alegre que contém uma esfinge como parte de sua decoração, sendo essa uma característica especificamente egípcia. Nesta escultura se percebe a face humana e o corpo de um leão, as características de uma esfinge que hoje está ao lado do Obelisco e das Pirâmides, principais imagens utilizadas do Antigo Egito.

A cultura egípcia parece tomar o ocidente pela ideia de força que os faraós transmitiam nas primeiras dinastias, pretendendo possivelmente alcançá-la, conforme todas as vias expressas que provêm das esculturas espalhadas em diversos ambientes públicos. É com os romanos que tem início o que podemos chamar de Egiptomania², na medida em que os traços dos símbolos egípcios foram utilizados nas criações arquitetônicas. Sendo assim, a egiptomania nos leva a olhar o mistério do exótico e nos faz redescobrir os enredos e peculiaridades da cultura egípcia.

Entre esse povo, o fascínio pelo Egito surge primeiramente na forma dos cultos aos deuses Ísis e Serápis, que foram incorporados em finais da República Romana, no século I a.C., e, posteriormente, pela anexação de elementos egípcios à sua arte. (COELHOS E SANTOS, 2005, p. 2).

Desse modo, o Fascínio pelo Egito no Ocidente se inicia como foi exposto anteriormente de forma fervorosa a partir da expedição feita por Napoleão Bonaparte à Terra dos faraós. Diz-se que se deu neste momento exato a grande febre do Egito no

² Segundo Bakos (2004, p.87) “a arte em egiptomania possui duas características básicas: a utilização de símbolos do antigo Egito com novos objetivos, e a antiguidade do tratamento dado a esses elementos, que devem apresentar referências e identificadores da época antiga”.

Ocidente, onde se descobria um mundo de possibilidades e curiosidades para o entendimento do que era o Egito, que aos poucos se manifestava em todos os lugares como numa forma de avivamento de todo o poderio da época antiga.

No séc. XIX há o alargamento do olhar para a arte egípcia, é neste tempo que se amplia um grande desenvolvimento da Egiptomania. Segundo Coelhos e Santos (2005, p. 23) a popularização da Arte Egípcia resultou da releitura de duas importantes obras: *Voyages dans La Basse et La Haute Égypte*, do pintor Vivian Denon, integrante da expedição napoleônica, e *Description de l'Égypte*, a obra publicada pela gráfica imperial da França, por ordem do próprio Napoleão.

No Brasil, o primeiro exemplo da influência egípcia de que atualmente se tem notícia pode ser observado em “um quadro de Francisco Xavier Gonçalves, de 1782, hoje conservado no Museu Aleijadinho, na sacristia da Igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto-MG”. (COELHOS; SANTOS, 2005, p. 4). Esta obra é intitulada “São Francisco diante do Papa Inocêncio III”, nela aparece a pirâmide de Caius Cestius, logo atrás do Papa numa janela aberta, o que também pode sugerir a influência Italiana mostrando a existência da pirâmide em Roma.

A egiptologia nasceu no dia 22 de setembro de 1822, quando o filósofo francês Jean François Champollion comunicou à *Académie Française des Beaux-Arts* a decifração dos hieroglíficos (BAKOS E SILVEIRA, 2012, p.74). A primeira coleção egiptológica do Brasil aconteceu devido à chegada de um italiano ao Rio de Janeiro, Nicolau Fiengo, que viajava em direção a Argentina e teve de regressar ao seu país por motivo de bloqueio em Montevideú. Ele trazia consigo um lote de antiguidades egípcias e greco-romanas. Ao saber dessas antiguidades, o conselheiro José de Bonifácio recomendou a Dom Pedro I que as adquirisse. Essas peças foram compradas em 10 de Abril de 1827.

Attendendo ao que me representou Nicolau Fiengo, que propoz a venda das antiguidades egípcias, já depositadas no Museu Nacional desta corte: Hei por bem que pelo Thezouro Publico se pague ao dito Nicolau Fiengo a quantia de cinco contos de reis, em que elle avaliou as referidas antiguidades verificando-se o pagamento desta compra a prazos de seis, onze, desouto mezes. (SOUZA, 1997 *Apud* COELHOS; SANTOS, 2005).

A par disso, o interesse pelo Egito continuou com Dom Pedro II que visitou o país por duas vezes e inclusive mediante a sua paixão dedicou um diário com desenhos e anotações de cada lugar visitado. Segundo Bakos (2005, p. 65), “É interessante que nesses escritos, Dom Pedro deixou registrado que: se os brasileiros não podiam ir ao Egito este tinha que vir até eles”. Sendo assim, a fascinação pela egiptomania pode ser identificada no Brasil nos contornos arquitetônicos, na pintura, na música etc.

Conforme foi exposto, as primeiras peças da coleção egípcia que compõem o acervo do Museu Nacional foram compradas por D. Pedro I, no início do séc. XIX. Esta coleção prossegue com D. Pedro II que inclusive foi o primeiro notório egiptologista do Brasil. Quanto à Egiptomania, não há dados históricos que comprovem uma data precisa das primeiras manifestações, mas é relevante identificar a importância da Coroa Real a partir da construção de prédios com elementos egípcios, o que fomentam a ideia de inserção das primeiras práticas de egiptomania.

Viviana Saballa (1998, p. 233) afirma que “a formação do ‘jeito de ser’ brasileiro passa por diversas influências, entre elas a do Antigo Egito”. Constatamos isto quando pensamos nos amuletos que ajudam na sorte, misticismo, exoterismo. Percebe-se também a influência nos estabelecimentos quando estes adotam nomes relacionados ao Egito, pois essa extensão caracterizou no ocidente uma relação entre riqueza e força.

Com efeito, os brasileiros mesmo incluídos parcialmente aos princípios cristãos acabam que desenvolvendo e vivendo estruturas egípcias que são envolvidas e adequadas aos meios e, inclusive, sobrevivendo em diversos ambientes culturais. Estas são identidades que se adequam aos costumes que, como vistos anteriormente, foram

elaboradas a partir da cultura antiga com Dom Pedro I. Por isso, mediante a este acolhimento, podemos compreender a cultura Egípcia inserida também no meio cultural brasileiro.

Como diz Coelhos e Santos (2005, p. 37) “a influência egípcia está inserida nos mais diversos ambientes, desde cemitérios até lojas comerciais e praças públicas”. As autoras sugerem como exemplo um condomínio fechado, que dentro há uma propriedade do dono da editora paranaense que possui uma decoração em painéis em alto relevo, encavos, mosaicos e vitrais com influência egípcia, confeccionados por diversos artistas.

É pertinente pensar que esta arte expressa, no meio onde está o poder social, econômico, já que esta decoração se instala em um bairro nobre, então há uma função de valorizar o lugar, ou seja, valorizar socialmente a elite. Ao utilizar a arte egípcia, evidencia-se o valor social de modo a reverenciar a elite. Segundo (COLI 2002, p. 25 *Apud* BAKOS, 2002) “interessar-se pela Arte significa ser mais culto, ter espírito mais elevado, ser diferente, melhor que o comum dos mortais”.

Observamos frequentemente a Egiptomania que está presente principalmente na sociedade, elitizada através de suas obras e demonstrações artísticas. Logo, a partir de tais pesquisas, analisaremos o caso de João Pessoa. Segue alguns casos de Egiptomania conforme Bakos (2002, p. 5):

Vejamos alguns dos casos que podem ser identificados como exemplos de egiptomania: uma pintura a óleo de Honório Esteves, denominada ***O Pastor Egípcio***, que se encontra no Museu Mineiro; um túmulo, de autor anônimo, em Cemitério do Rio de Janeiro; imagens, em ferro, de um casal, de autoria desconhecida, em prédio particular, no Rio de Janeiro; pinturas e esculturas na Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul, datadas e assinadas, em Porto Alegre; pinturas parietais, em Motel de São Paulo; propaganda sobre a exibição “Egito faraônico”, promoção da Casa França-Brasil e do Louvre, publicada na Revista Classe, cuja procedência não foi informada.

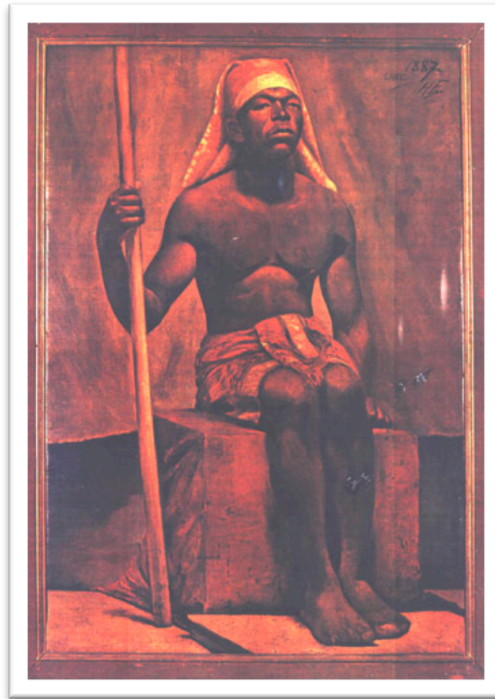


Foto 1: O Pastor Egípcio por Honório Esteves

Segundo Bakos (2002) a arte no antigo Egito apresentava objetivos religiosos e mágicos o que valoriza o sentido dos símbolos. A representação humana é muito característica, havendo singularidades próprias do Egito antigo, o que hoje na Egíptomania não se segue tão detalhadamente, havendo apenas elementos isolados, como vestes, armas, jóias, entre outros.

Muitos pintores no séc. XIX do Ocidente ficaram impressionados com a arte egípcia elaborada pelo pintor Sir Lawrence Alma. Este influenciou inclusive os artistas do Brasil. É curiosa a grande importância que se dá ao Egito antigo por meio das artes e particularmente quando pensamos nos significados contidos em cada expressão, que indica um modo de viver que, embora seja “antiquado”, não significa que é ultrapassado. Contrariamente, possuir uma arte com resquícios do Egito Antigo é pertencer a um grupo muito mais valorizado economicamente e socialmente.

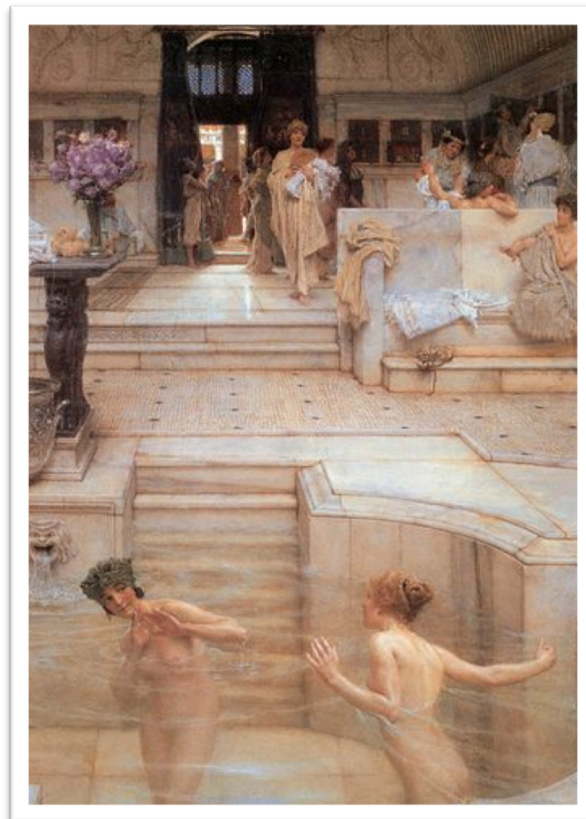


Foto 2: Obra intitulada *Um costume favorito* por Sir Lawrence Alma-Tadema (1909)



Foto 3: Nobres egípcios jogando uma forma primitiva de xadrez, segundo a concepção artística de Sir Lawrence Alma-Tadema (1879).

É válido lembrarmos que a Egíptomania se faz presente também nos túmulos, é frequente encontrarmos túmulos em forma de pirâmide, diferenciando da estrutura usual

retangular. A seguir, temos o túmulo da atriz Dercy Gonçalves que ilustra um exemplo do que foi citado.



Foto 4: Túmulo da artista Dercy Gonçalves como pirâmide de vidro

Na Via Anchieta, Km 10,5, São Paulo-SP, Brasil, encontramos o “Faraós Motel” que apresenta em sua estrutura e suítes, decorações e representações próprias do Antigo Egito, utilizando-se de figuras que retratam entre outros, pirâmides, faraós, rainhas, aves fênix e servos. As suítes são denominadas como: suíte Cleópatra, suíte Miquerinos, suíte Quéfren, suíte Tebas, e suíte Queóps. O motel tem como slogan a frase: “Sonho de Rainha, desejo de Faraó” e faz um convite ao público com o seguinte texto:

Venha sentir a magia e os mistérios do Egito em um lugar perfeito para viver uma grande paixão. Seja como um grande Faraó ou como uma Rainha do Egito, aqui você vai realizar suas mais loucas fantasias! (www.motelfaraos.com.br).

No convite ao público percebemos a ênfase na busca pelos mistérios do Egito como propaganda e incitação à curiosidade, desenvolvendo assim a atração para a escolha do lugar.



Foto 5: Faraó's Motel em São Paulo – Brasil



Foto 6: Suíte do Faraó's Motel em São Paulo – Brasil

Pode parecer curioso ou até mesmo pretensioso supor que o Brasil, situado tão distante do vale do rio Nilo, onde floresceu a civilização egípcia, há cinco mil anos atrás, possa ser herdeiro da cultura faraônica, aqui manifestada em edificações, obras artísticas e/ou literárias. (BAKOS, 2009, p.269).

Os traços culturais egípcios se espalham pelo mundo assim como também floresce no Brasil, adequando-se a diversos espaços na sociedade, confirmando uma estrutura de

resgate e utilização de imagens em diferentes campos sociais, rerepresentadas e reedificadas por pessoas advindas da elite intelectual e econômica ou não.

Nas práticas de Egiptomania, as três imagens mais utilizadas são: a pirâmide, o obelisco e a esfinge. Observamos que não só no Brasil, mas em nível mundial. Segundo Bakos (2004, p.46), pirâmides e sarcófagos indicam a morada dos mortos, o descanso final, sendo também uma forma de perpetuar a memória do morto, eternizada no suntuoso túmulo de pedra. Esses símbolos tinham uma grande importância para os egípcios, pois reverenciava a imortalidade. O Obelisco também está entre as três imagens mais utilizadas, e segundo a autora representa a ligação entre o céu e a terra em harmonia com a crença cristã na vida eterna. Quanto à Esfinge egípcia, esta simboliza poder, sabedoria e eternidade e era consagrada a Amon ou Rá.

No Rio de Janeiro obtemos as primeiras manifestações egípcias a partir de Mestre Valentim aproximadamente no século XVIII no programa de urbanização para adequação da cidade à capital do vice-reinado. Com a criação do passeio público surgem as pirâmides, obeliscos assim como também fontes e chafarizes com elementos egípcios, como podemos observar na **Foto 7**. Tal criação caracterizou o artista como o primeiro paisagista moderno brasileiro.



Foto 7: Chafariz com o elemento pirâmide, criado pelo Mestre Valentim.

É importante observar ainda no Rio de Janeiro a casa egípcia que é um elegante prédio de quatro andares localizado no centro da Cidade, construído em meados do século XIX onde preponderantemente ressaltamos duas estátuas de ferro que são um homem e uma mulher.

Segundo Bakos (2004, p. 65):

O homem exibe os braços depilados e a musculatura bem-definida, lembrando a cópia feita por Denon (1802) de uma tumba de Tebas – Entre as características mais importantes dessas esculturas, observa-se que, além de serem aladas, ambas usam o sagrado *urareus*, adorno de cabeça em forma de serpente, restrito aos monarcas do antigo Egito.

Em Pelotas no Rio Grande do Sul, temos uma Casa Modernista em forma de pirâmide, construída em 1929 com base no projeto do artista e proprietário Flávio de Carvalhos. Segundo Bakos (2004, p. 65) a planta em forma de avião e a fachada

assemelham-se ao frontão dos templos egípcios, com linhas arrojadas e excêntricas, testemunhando a irreverência do arquiteto na solução dos espaços.

No Nordeste, em Natal, temos o Pirâmide Hotel que exibe uma pirâmide no telhado, como também uma academia de ginástica que possui uma forma de pirâmide, havendo nesta ideia um apelo indicando a excelência nos serviços oferecidos



Foto 8: Pirâmide Hotel – Natal, RN, Brasil

Em Brasília, há muitas edificações em formato de pirâmide, podemos destacar conforme Bakos (2004, p.64) a pirâmide da Legião da Boa Vontade que ilustra bem a relação atual entre a forma das pirâmides e o misticismo.



Figura 9: Templo da Boa Vontade em Brasília, DF, Brasil.

De modo semelhante, ainda citando grandes práticas de Egíptomania no Brasil, podemos observar também a Fundação Ecológica e Zoobotânica que contém uma estufa em forma de pirâmide, esta possui mais de 300 espécies de orquídeas e bromélias.

Pode-se refletir sobre a busca obsessiva do homem pela permanência dos elementos egípcios na cultura ocidental, a partir de dois enfoques fundamentais e interligados. O primeiro consiste no fascínio pelos valores culturais daquela fase histórica, como o respeito à magia, em lugar do pensamento racional, e o culto à imortalidade, em lugar do temor da morte... O segundo enfoque é que a readaptação contínua de elementos egípcios a novos usos, ao longo dos milênios, pode ser movida por coisas bem mais simples e, por isso, também muito humanas, como, por exemplo, a busca de inspiração criativa de cunho estético. Sabemos que determinados padrões de beleza artística distinguiram os egípcios de outros povos contemporâneos, que muitas vezes os copiaram. (BAKOS, 2002, p. 20)

Em Campina Grande, cidade localizada a 112 Km de João Pessoa, capital da Paraíba, temos o Parque do Povo, com uma área de 42,500 mil metros quadrados situada no centro da cidade. Foi construído e inaugurado no ano de 1986. Conhecido como "Pirâmide do Parque do Povo" é palco de muitos eventos festivos como o "Maior São João do mundo".

Desse modo, para a professora Dra. Cléa Cordeiro Rodrigues, coordenadora do Memorial do Maior São João do Mundo, a pirâmide está bem contextualizada no evento, até mesmo pelo significado da Pirâmide no Egito, a história da fogueira e da

festa junina. A mesma se tornou uma representação dos festejos juninos em Campina Grande. Segundo ela, o espaço respeitando as devidas proporções é considerado sagrado.



Foto 10: “A Pirâmide do Parque do Povo”, localizada em Campina Grande, PB.

Fazendo uma leitura podemos afirmar que a Pirâmide tem o objetivo de reforçar a grandeza do evento, demonstrando força e *status*. Para o povo nordestino, o São João é festejado com grande efervescência porque situa caracteristicamente a essência do nordeste, com isso podemos pensar a importância de um símbolo grandioso para acolher um acontecimento, que é tão grandioso para o nordeste como as festas juninas.

Por conseguinte, a partir do que foi apresentado acerca das manifestações e símbolos egípcios no Brasil partiremos para a identificação da Egiptomania na cidade de João Pessoa, capital da Paraíba. Tomaremos como referencial teórico a Dr^a Margareth Bakos/PUC-RS.

3. MANIFESTAÇÕES EGÍPCIAS EM JOÃO PESSOA

Com base no que foi exposto nos capítulos anteriores, identificamos e analisamos imagens egípcias encontradas na cidade de João Pessoa, verificando-as conforme o objetivo central deste trabalho: a Egiptomania como prática existente na Capital paraibana. Integraremos as descobertas de Egiptomania em João Pessoa à pesquisa geral de Egiptomania no Brasil.

É muito representativa a integração de culturas diversas, observamos conforme a pesquisa a relação do Egito em cidades do Brasil, mais fortemente presentes, segundo estudos, no Sul e Sudeste. Investigaremos a Paraíba, que parece a princípio não ter relação com o Oriente devido a sua raiz característica, no entanto surpreenderá com a demonstração da inserção de valores culminados na diversidade cultural.

Para a identificação das manifestações egípcias, foi utilizado o auxílio de buscas na internet, agendas telefônica, assim como também a observação na própria Cidade. Quando encontradas, buscamos informações respectivas para a confirmação e continuidade da pesquisa através de entrevistas informais.

Encontramos 12 imagens para este trabalho, formadas a partir de características que expressavam o antigo Egito. Essas imagens estão inseridas em diversos espaços, como: Praça, Cemitério, logomarcas de lojas, escola, loja de construção, emblemas, faculdade e outros.

Para dar início, segue a **foto 11**, a primeira imagem que identificamos se trata de um Obelisco, localizado na Praça da Independência, no centro de João Pessoa, o monumento está situado no centro da Praça e foi inaugurada no ano de 1922 com o objetivo de comemorar o centenário da independência. A Praça com seus monumentos foram declarados Patrimônio Histórico Artístico Nacional no ano de 1980.



Foto 11: Obelisco na Praça da Independência, centro de João Pessoa, PB.

O obelisco nesta perspectiva comunica a importância do momento, atraindo a força de uma representação que segundo a escolha se equipara ao fato homenageado. Outro aspecto importante diz respeito ao valor simbólico para o momento mencionado na praça e também à intenção entre os egípcios, no primeiro a independência e no segundo a expressão do Absoluto.

Seguindo para a **foto 12**, identificamos a Praça Vidal de Negreiros, hoje conhecida como Ponto de Cem Réis que foi Criada em 1924. Localizada no Centro de João Pessoa, passou recentemente por uma reforma onde foram inclusas como parte da decoração pirâmides, que a noite são iluminadas de dentro para fora. A Praça tem como característica a efervescência cultural, onde políticos ilustres, artistas e intelectuais se reuniam e discutiam assuntos essenciais à cidade.



Foto 12: Pirâmides na Praça Vidal de Negreiros (Ponto de Cem Reis), Centro João Pessoa, PB

Hoje o local continua comportando eventos culturais. O fato de a pirâmide estar construída em um local de grande valor cultural, artístico e intelectual só vem reforçar esses valores que são inerentes ao Egito Antigo e que continuam a influenciar muitas pessoas nos dias atuais.

No Geisel, bairro localizado na zona sul de João Pessoa temos uma Escola cujo nome deriva de uma importante lenda do Egito Antigo, o pássaro Fênix.



Foto 13: Instituto Educacional Fênix, Geisel, João Pessoa, PB.

Segundo a coordenadora do Instituto, o nome e o símbolo da Instituição têm como objetivo a perpetuação, a ressurreição e a esperança que nunca têm fim, identificando assim o sentido da escolha do pássaro Fênix.



Foto 14: Estandarte do Instituto Educacional Fênix

Phoenix foi um pássaro mítico, de origem etíope que vivia em períodos de 500 anos. Esse pássaro levantava com a aurora sobre as águas do Nilo, com o Sol; a lenda fez com que ele ardesse e se apagasse nas trevas da noite, e depois renascesse das cinzas. (SABALLA, 1998, p.242).

Em João Pessoa temos como grande referência para nosso trabalho a Pirâmide Construtora que está no Mercado há aproximadamente 25 anos. Na cidade seus empreendimentos são conhecidos pela nomeação cujo nome principal é Pirâmide, numerada como 1ª até a 10ª, após essa numeração as Pirâmides ganham identificação conforme a localização ou homenagens conforme intensidade do momento e vontade do próprio idealizador da Construção.



Foto 15: Construtora Pirâmide, Tambaú, João Pessoa, PB.

João Bezerra Filho é o empresário responsável pela Construtora que a cada empreendimento vem ganhando espaço na Cidade e nos negócios, segundo ele a Pirâmide como é hoje titulada a sua Construtora, foi assim identificada após uma reunião para nomeá-la, onde uma arquiteta sugeriu tal nome. Segundo suas palavras “é a construção que mais dura”. Apoiado nesta afirmação João Bezerra então decide que assim seria chamada a sua Construtora, conforme o mesmo, a Pirâmide é responsável pelo sucesso da empresa que está no mercado há mais de 20 anos.

O Construtor afirma que há muitas compras associadas ao gosto dos compradores pelo Oriente antigo. Assim aconteceu com um determinado rapaz, segundo conta o Construtor, que era “vidrado em pirâmide” e por essa razão comprou um apartamento da 1ª Pirâmide.

O Empresário evidencia que pela cidade há “9 pirâmides” construídas, a 10ª será um Empresarial localizado no bairro nobre da cidade chamado Manaíra. Entre suas construções há três que mais são importantes para este trabalho. Inicialmente citamos o Hotel Quality Solmar que em sua estrutura física comporta a figura de pirâmides (**foto 16**), como também um Faraó, especificado na **foto 17**.



Foto 16: Hotel Solmar Quality, localizado em João Pessoa, Praia de Cabo Branco.

O Hotel bastante conhecido na cidade é identificado como Quality faraó devido ao Faraó que foi construído pelo artista Zé Ferreira. Segundo João Bezerra Filho este empreendimento é conhecido como Pirâmide 8ª. O Faraó (**foto 17**) é mais uma manifestação de Egiptomania.

Segundo Mella (1981, p. 88):

O faraó não era, e não devia ser, um símbolo ornamental, mas um homem de capacidades excepcionais. Era educado pelos melhores mestres juntamente com seus contemporâneos nobres que, na qualidade de amigos qualificados e chegando até a esposar as suas irmãs, acabavam fazendo parte da grande família da Corte. Ainda muito jovem, era colocado em elevados cargos do Estado a fim de conhecer todos os segredos da administração e do governo. Ao subir ao trono, era um soberano absoluto, escolhia os ministros, ocupava-se pessoalmente de todos os serviços do Estado, dirigindo toda a administração e recompensando com justiça todos os fiéis servidores do Estado. (MELLA, 1981, p 88).

O Faraó passava a ser um deus, a mais jovem encarnação de Hórus, era constituído do máximo poder religioso. Segundo Mella (1981, p. 89) na iconografia o faraó é representado com a coroa branca do Alto Egito, ou com a vermelha do baixo Egito, ou com ambas. A coroa era o escudo de guerra, na mão empunhava o cajado de

pastor e o leque, na barba postiça o simbolismo da divindade, na frente, o ureo, símbolo da realeza e sua identidade nominal se compunha de cinco nomes.



Figura 17: Faraó esculpido pelo Artista Zé Ferreira. Hotel Quality “Faraó”, Cabo Branco, João Pessoa, PB.

Mediante a localização do Hotel percebemos que o público ao qual se direciona é a elite, o que reforça o pensamento da Egiptóloga Dr^a Margaret Bakos, quando comenta a respeito do Motel Faraó em São Paulo, reforçando o poderio do Egito, numa forma de engrandecer o seu público. É importante destacar também a 7^a pirâmide, que se trata de um prédio que contém uma pirâmide que à noite se transforma em um luzeiro, segue a **foto 18**.



Foto 18: 7ª Pirâmide, Cabo Branco, João Pessoa, PB.

Conforme João Bezerra Filho, a Pirâmide reforça a solidez, a força que tem sido favorável a sua Empresa desde o início, este é um nome que vem adquirindo espaço em diversas construções espalhadas por João Pessoa.

Na Avenida Ruy Carneiro observamos também a influência do Oriente, desta vez em um Edifício bastante conhecido da capital por comportar diversas lojas comerciais (**Foto 19**), é o edifício Phoenix.



Foto 19: Edifício Phoenix, localizado na avenida Ruy Carneiro, João Pessoa, PB.

Em João Pessoa também encontramos alguns túmulos reverenciando os costumes do Antigo Egito. São túmulos em forma de pirâmide que demonstram a ligação com a perspectiva abordada. Segue **foto 20** com uma demonstração.



Foto 20: Túmulo em forma de pirâmide localizado no Cemitério da Boa Sentença, João Pessoa, PB.

Tanto a pirâmide, como o sarcófago egípcio indicam a morada dos mortos, o descanso final, também sendo uma forma de perpetuação da memória do morto, pois ficará eternizada na pedra a lembrança num suntuoso túmulo. Os egípcios tinham uma relação especial com os simbolismos desses elementos, pois eram construções que representavam a tão buscada imortalidade. (ARAÚJO, 2009, p. 84).

Segundo Araújo, (2009, p.85), a pirâmide exerce uma maior atração para as pessoas, pois também é muito relacionada com as forças místicas e sobrenaturais inexplicáveis.

Em João Pessoa pode-se encontrar o elemento pirâmide nos túmulos mais elitizados, demonstrando que provavelmente as classes melhor favorecidas economicamente são também as que melhor conhecem sobre a cultura do antigo Egito e suas místicas.

Os elementos e símbolos egípcios encontrados nos cemitérios estão estritamente ligados com o seu valor artístico-simbólico, não sendo uma representação das crenças das famílias donas dos jazigos, pois são muitas vezes combinados ou misturados com símbolos religiosos cristãos. (ARAÚJO, 2009, p. 87).

No bairro do Cristo Redentor em João Pessoa, encontramos um comércio de móveis, expositores e estruturas metálicas cujo nome é Nesil Metalúrgica Ltda. Sua logomarca é uma pirâmide com o nome do comércio no centro da mesma. Segundo a proprietária o símbolo se originou devido ao seu falecido marido, José Nilton, ser admirador de pirâmides. Segundo ela, o marido relatava que a pirâmide atraía boa sorte, coisas positivas e ainda reforçou dizendo que o Sr José Nilton era fascinado pela pirâmide. A dona ainda atribui o fato de o comércio perdurar por tanto tempo (há quase 30 anos) e o fato de ter sorte nos negócios, além de ser bem gerenciado, à pirâmide.



Foto 21: Nesil Metalúrgica Ltda. Localizada no Bairro Cristo Redentor em João Pessoa, PB.

Também na Faculdade Facene/Famene (**foto 22**), que oferece cursos específicos da área de Saúde, a logomarca utilizada é uma pirâmide. Segundo Edielson Pontes, Secretário adjunto da proprietária Kátia Santiago, ela é uma admiradora do oriente e de forma especial do Egito, por esta razão decidiu ligar a faculdade à imagem da pirâmide por acreditar na força positiva que esta pode influir à faculdade.



Foto 22: FACENE/FAMENE, Valentina Figueiredo, João Pessoa, PB.

A proprietária da Faculdade de Enfermagem e Medicina, Facene/Famene, comentou que foi com os egípcios que surgiram os primeiros médicos e essa foi a sua primeira motivação para realizar o seu grande sonho, o de fundar uma faculdade de Medicina. Segundo ela, os egípcios tinham muita força e também segundo seu esposo, o Sr. João Santiago.

A faculdade evidencia a pirâmide como símbolo no propósito de alcançar força para a continuidade de um sonho alcançado, o de ter a faculdade de Medicina e a persistência para mais uma realização de um sonho, a formação do curso de medicina na Cidade de Mossoró, Rio Grande do Norte. “Queremos alcançar o topo da pirâmide, todos devem almejar e lutar para alcançar os seus objetivos, isso significa vida!” (Kátia Santiago, diretora geral Facene/Famene).

Comunicar o valor do simbolismo nas manifestações egípcias encontradas é uma questão que parece ir além de palavras ditas em entrevistas, pois o valor atribuído revela buscas por um sentido capaz de significar um objetivo importante para sua vida. O símbolo é capaz de integrá-lo à sua forma de buscar um transcendente, muitas vezes sendo sagrado e essencial na sua vivência do dia a dia.

Confirmar a Egiptomania na Cidade de João Pessoa é antes identificar um conjunto de significados, sobretudo o de buscar um sentido, um ideal e uma motivação para propósitos futuros; uma ação de busca de sentido. A Egiptomania na Cidade de João Pessoa surge com o propósito de conquistar a realização profissional, pessoal e política. O Egito parece ser identificado como um modelo de vivência, por isso hoje buscado e materializado fisicamente na Egiptomania para que a força que tanto se fala possa se fazer presente.

A Egiptomania faz renascer a força pelo objetivo, a luta pelas conquistas, a perseverança e confiabilidade na pretensão dedicada, a tanto outros fatores e o mais

importante, a Egiptomania revitaliza a Fé (Acreditar e Alcançar). Durante a pesquisa percebemos a grande confiança dada aos símbolos egípcios, conforme entrevistas, muitos relatos questionavam como os egípcios alcançavam a tecnologia que não se tem atualmente e mais, por que espiritualmente tantos que se dizem ser próximos da divindade não haviam ainda conseguido ser como foram espiritualmente os egípcios?! Foram questionamentos que na verdade tinha por objetivo expressar a fé.

Conforme procede a pesquisa, percebem-se os vínculos da Egiptomania entrelaçados com a busca de um sentido mediante a força para seguir adiante nos propósitos vinculados com a fé, a partir de uma expressão simbólica que o envolve e dá significado para os objetivos, assim como também para sua existência, como podemos sugerir o caso da Egiptomania no estabelecimento NESIL, onde a proprietária evidencia que o símbolo mantém vivo o seu marido o que lhe dá força para acreditar na Empresa e na vida. A Egiptomania evidencia o Egito que se renova na contemporaneidade, assim como também podemos pensar na hipótese de expressão simbólica de busca de um sentido.

CONCLUSÃO

A antiga palavra egípcia para pirâmide era *Mer*, “Pirâmide” é derivado da palavra grega *pyramis*, que significa “bolo de trigo”, termo utilizado pelos gregos para descrever essas construções que encontraram muitos séculos depois. *Mer* foi tradicionalmente traduzida como “Local de Ascensão”. (DAVID, 2011, p. 138). A pirâmide era vista como um meio de acesso do rei morto chegar ao céu, como também retornar ao seu local de sepultamento para receber as oferendas de alimentos. A Pirâmide mais antiga e mais conhecida no mundo é a de degraus em Saqqara que foi construída pelo rei Djoser no início da III Dinastia através do seu vizir e arquiteto Imhotep.

Para averiguação de manifestações egípcias em João Pessoa encontramos 12 imagens que apresentavam algum motivo egípcio, são eles: 1 Obelisco, 6 pirâmides, 1 Faraó, 1 túmulo em forma de pirâmide e 3 Fênix. Conforme a pesquisa é predominante a presença de pirâmides.

O valor simbólico, conforme pesquisa, para essas imagens, segundo os proprietários ou idealizadores eram sempre relacionados ao poder, como referência para o alcance de objetivos como a estruturação de uma educação de excelência, assim como prédios de alto nível técnico de construção e tantos outros interesses que revelados, ou não, revitaliza os símbolos egípcios na contemporaneidade.

O Obelisco símbolo que representa a ligação entre o céu e a terra no antigo Egito, foi utilizado na praça da independência para comemorar o centenário da independência. Interessante o fato da construção se dar a partir da memória e celebração da emancipação política, um fato tão importante para o Brasil, foi em João Pessoa no ano 1922 associado e festejado com um símbolo egípcio. Segundo Miele (2011, p. 14) o

Obelisco simboliza o primeiro ato da criação, associado ao falo que se projeta para o céu. O falo surge a partir da interconexão entre dois círculos que se projeta a partir de um ponto central, essa imagem é conhecida como *vesica piscis*, a representação do Absoluto utilizada pelos egípcios nas primeiras dinastias. O obelisco é a imagem da ação do Absoluto no primeiro ato realizado pela vontade do criador (MIELE, 2011, p. 14).

Portanto o episódio de celebração da independência na praça foi em 1922 até os dias atuais marcada pela identificação da importância do momento à imagem fálica caracterizada entre os egípcios como uma expressão da divindade, o Absoluto. Segundo Bakos (2004, p. 81) o obelisco era muito apreciado no continente americano entre os séculos XIX e XX, independentemente do país e/ou partido político, para assinalar fatos históricos e/ou pessoas de atuação significativa para a coletividade, era visto como um monumento estável, capaz de desafiar o tempo e eternizar a homenagem.

O Phoenix, pássaro adorado pelos egípcios segundo Bakos (2004, p.81) por estar sempre presente nos momentos das cheias do Nilo, fenômeno que assinalava um novo ciclo agrícola, foi identificado na pesquisa em dois momentos: o primeiro na Escola Institucional Fênix, situado no bairro Geisel e no Edifício Phoenix situado na avenida Ruy Carneiro. A utilização desta imagem culmina a perspectiva de permanência, renovação, como busca de eternização.

O Faraó, imagem utilizada no Hotel Quality situado no Cabo Branco, acolhe os seus hóspedes e visitantes estando presente logo na entrada para o Hotel, sendo simbolicamente “a porta de entrada” para todos que ali se encontrarem. O Faraó confirma a força e poder, fomentando a ideia de superioridade, essa encontrada nos serviços do Hotel como também nos hóspedes que decidirem estar em suas instalações.

Segundo Cardoso (p.5) o faraó era considerado, ainda em vida, uma grande divindade: durante a XVIII dinastia era frequente representar-se o rei prestando culto à sua própria estátua. Deste modo, conforme a pesquisa, compreendemos a egiptomania na figura do faraó como evidência de qualificar o local como ambiente apoiado em valores antigos conforme os atributos do faraó, que contém poder, este intensificado no imaginário das pessoas que se instalam no hotel, depositando nelas essa mesma característica pela escolha do local para se hospedar.

Por fim, ressaltamos a presença da pirâmide que está situada em 6 fotos, a primeira: o Ponto de Cem Réis, situado no centro de João Pessoa, que sendo parte da praça serve de decoração e canal de iluminação, a segunda: a Construtora Pirâmide, localizada no bairro Tambaú, responsável pela construção de 10 prédios que são nomeados como Pirâmide, a terceira: o Hotel Sol Mar que em sua estrutura expõe a figura de pirâmides, a quarta imagem: o prédio 7ª pirâmide que expõe um luzeiro em que está localizado assim como o Hotel Sol Mar, no Cabo Branco, a quinta imagem: um Túmulo localizado no cemitério da Boa Sentença, a sexta imagem: um comércio de móveis no bairro Cristo Redentor que utiliza a pirâmide como sua logomarca e a sétima imagem: a Faculdade Facene/Famene que se direciona a cursos específicos da área de saúde, utiliza a pirâmide como símbolo da faculdade.

Constituindo o símbolo de maior utilização na cidade paraibana, a Pirâmide em unanimidade é identificada nos casos pesquisados, como fonte de força, solidez. Segundo Bakos (2004, p. 46) pirâmides sempre suscitaram grande interesse entre as pessoas, muito mais que os sarcófagos. Ambos possuem as mesmas características simbólicas, atingindo o mesmo fim.

A pirâmide chama a atenção pelo seu esplendor tanto na estrutura quanto no simbolismo representando a imortalidade. Usadas como tumbas por faraós e pela

aristocracia do Egito antigo, as pirâmides foram construídas, particularmente, do Antigo ao Médio Império (BAKOS, 2004, p.47).

A identificação pelo imaginário coletivo das qualidades das monumentais construções egípcias parece envolver os empresários e demais aderentes para a relação da empresa ou manifestação, induzindo a permanência de tais características. Conforme a pesquisa, compreendemos a importância da utilização de símbolos egípcios ao encontro de expectativas positivas aos pontos direcionados. Uma busca de satisfação e aceite das perspectivas antigas do Egito, como instrumento idealizador de força, poder, sorte, rigidez e outras características que provavelmente estão inseridas no imaginário individual não exposto nas entrevistas.

Portanto, conforme apresentado, a Egiptomania se faz atuante na Cidade de João Pessoa, presente de acordo com esta pesquisa em 12 expressões simbólicas que confirmam a relação com o Antigo Egito a partir das entrevistas e análises desenvolvidas ao longo deste estudo.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Thiago Antônio Avelar. **Logoterapia e Análise Existencial: Uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl**. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2010.
- ARAÚJO, Thiago Nicolau de. **Diálogo cultural: o Egito nos cemitérios brasileiros**. Rio Grande do Sul: FURG, 2009, p. 79-87.
- BAKOS, Margareth Marchiori. **Egiptomania: o Egito no Brasil**. SP: Paris Editorial, 2004.
- BAKOS, Margareth Marchiori. **A Egiptomania a serviço da Egiptologia no Brasil**. Revista Uniandrada, v. 1, p. 77-87, 2005.
- BAKOS, Margareth Marchiori. **El Antiguo Egipto en Brasil: historia de La Egiptología y La Egiptomanía**. Disponível em: <http://www.transoxiana.org/0109/bakos-egipto_brasil.html>
- BAKOS, Margareth Marchiori. **Corpo e Egiptomania**. Phoinix (UFRJ), v. 9, p. 210-226, 2003.
- BAKOS, Margareth Marchiori. **D. Pedro II no Egito: o diário de viagem do imperador**. Nossa História, Porto Alegre, v. 15, 2005.
- BAKOS, Margareth Marchiori. **Corpo e egiptomania no Brasil**. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/ffch/historia/egiptomania/publicacoes/corpo.pdf>> Acesso em: 20:11:2012. 16:02h.
- BAKOS, Margareth Marchiori. **Egiptomania: Fragmentos do mundo antigo no Brasil**. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S22.442.pdf> Acesso em: 02/11/2012 13:33h.
- BAKOS, Margareth Marchiori. **Fatos e Mitos do Antigo Egito**. 3. ed., ver. e ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.
- BAKOS, Margareth Marchiori. BALTHAZAR, G. S. **Diálogos com o mundo faraônico**. Rio Grande: FURG, 2009.
- BAKOS, Margaret Marchiori. **Egiptomania: Fragmentos do Mundo Antigo no Brasil**. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S22.442.pdf> Acesso em: 02/11/2012 13:33h.
- BAKOS, Margareth Marchiori. E. A. **Vida, Cotidiano e Morte: estudos sobre o Oriente Antigo e a Idade Média**. Porto Alegre: Letra e Vida, 2012.
- BAKOS, Margareth Marchiori. **O que são Hieroglifos**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

BAKOS, Margareth Marchiori. **III Jornada de estudos do Oriente Antigo: línguas, escritas e imaginários**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

BOUZON, Emanuel. **As leis de Eshnunna**. Editora Vozes, 1981.

BOUZON, Emanuel. **Contratos Pré-Hamurábios do Reino de Larsa**. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.

BOUZON, Emanuel. **Origem e natureza das coleções do Direito Cuneiforme**. Disponível em: <<http://www2.tj.rs.gov.br/institu/memorial/RevistaJH/vol2n3/01-Bouzon.pdf>>

BOUZON, Emanuel. **O Código de Hammurabi**. Petrópolis: Vozes, 2003.

BRITO, Marcia Raquel de. **Migração de Sentidos: Obeliscos no Brasil**. *Oficina do Historiador*, PUCRS, 2003.

BRITO, Marcia Raquel. **Obeliscos Egípcios: História e Transculturação**. Porto Alegre: Graduação em História da PUCRS, 2004.

BRUMES, Karla Rosário. O uso do termo cultura. **Caminhos de Geografia**, v. 7, n. 18, p. 64-68, jun. 2006.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de mil faces**. SP: Pensamento, 2007.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. Entrevista de Joseph a Bill Moyers; org. por Bety Sue Flowers; tradução de Carlos Felipe Moisés. SP: Palas Athena, 1990.

CARDOSO, Ciro Flamariom. **Sete olhares sobre a antiguidade**. Brasília: UNB, 1994.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **O Faraó Akhenaton e nossos contemporâneos**. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/ffch/historia/egiptomania/farao.pdf>>

CARDOSO, C.F.S. **Antigüidade Oriental, Política e Religião**. São Paulo, Contexto, 1990.

CARDOSO, C.F.S. **Deuses, múmias e ziggurats, uma comparação das religiões do Egito e da Mesopotâmia**. Porto Alegre, Edipucrs, 1999.

CARDOSO, C.F.S. **O Egito Antigo**. São Paulo, Brasiliense, 1982 (coleção “Tudo é História”, número 36).

CARVALHO, Bruno Cardoso de. **O Conceito de Símbolo em Cassirer, Freud e Ricoeur como fundamento para a terapia ocupacional**. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=Etrfr5-r01EC&oi=fnd&pg=PA15&dq=cassirer+simbolo&ots=IK-rCfnTmW&sig=GBEw-E6gGMa-UmfJCvCTx0usGX0#v=onepage&q=cassirer%20simbolo&f=false>

CASSIRER, Ernest. **Ensaio sobre o homem. Uma introdução a uma filosofia da cultura humana**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1994

CLAYSON, Rodman R. **Nossa Herança do Egito Antigo**. Rio de Janeiro: Editora Renes, 1980.

COELHO, Liliane Cristina. **O Egito antigo em espaços privados**: um estudo de Egiptomania. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/ffch/historia/egiptomania/publicacoes/liliane.pdf>>

COELHO, Liliane Cristina; SANTOS, Moacir Elias. **O Egito Antigo em Espaços Privados**: um estudo de Egiptomania. Revista Uniandrade, v. 6, p. 89-104, 2005.

COSTA, Karine Lima da. **Anacronismo em charges**: as análises da egiptomania. Porto Alegre, 2012.

DAVID, A. Rosalie. **Religião e Magia no Antigo Egito**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

ELIADE, Mircea. COULIANO, Ioan P. **Dicionário das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 2ª edição.

FRANKL, Viktor E. **Um sentido para a vida**: psicoterapia e humanismo. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2005. 11ª edição.

GALLO, Priscila Marchiori Dal. **Diálogo Oriente-Occidente**: explorando as contribuições da obra de Watsuji Tetsuro. Disponível em: <<http://geografiahumanista.files.wordpress.com/2011/10/dic3a1logo-entre-oriente-ocidente-explorando-as-contribuic3a7c3b5es-da-obra-de-watsuji-tetsuro.pdf>> Acesso em: 02/11/2012 10: 36h.

GNERRE, M. L. A.; MIELE, N. **Arte Sacra Greco-Romana**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2011. 106 p. (Coleção Ciências das Religiões).

GOMES, Mário Varela. **O Oriente no Ocidente. Testemunhos iconográficos na Proto-história do Sul de Portugal**: *smiting gods* ou deuses ameaçadores. Disponível em: <<http://cvc.instituto-camoes.pt/bdc/revistas/revistaicalp/protohistoriapt.pdf>>.

HINNELS, John. **Dicionário das Religiões**. São Paulo: Círculo do Livro, 1990.

HOOKER, J.T. **Lendo o Passado, do cuneiforme ao alfabeto, a História da Escrita**. São Paulo, Melhoramentos/Edusp, 1996.

JACQ, Christian. **O Egito dos grandes Faraós**: história e lenda. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

JESUS, Ana Paula de Andrade Lima de. **Pirâmides egípcias**: representações na contemporaneidade. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300676506_ARQUIVO_ArtigoAnp huAnapaula.pdf>

Lawrence Alma-Tadema. Disponível em: <
http://pt.wikipedia.org/wiki/Lawrence_Alma-Tadema#Obras>

MARINHO, Pedro Eduardo Mesquita de Monteiro. **Oriente ou “Ocidente tardio”? As contribuições Gramscianas para a historiografia concernente ao Brasil do final do século XIX.**

Disponível em:

http://www.nufipeuff.org/seminario_gramsci_e_os_movimentos_populares/trabalhos/Pedro_Eduardo_Mesquita_de_Monteiro_Marinho.pdf>.

MELLA, Federico A. Arborio. **O Egito dos Faraós: história, civilização, cultura.** São Paulo: HEMUS, 1981.

MIELE, Neide. **Mitologia do Egito.** João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2011. 97 p. (Coleção Ciências das Religiões).

MOREIRA, Jacqueline. **Mitologia Egípcia e Sistema de Escrita.** João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2012.

Motel faraó. Disponível em: <<http://motelblog.guiademoteis.com.br/2010/07/10-moteis-tematicos-de-sao-paulo>>

MOURA, Marinaide Ramos. **O simbólico em Cassirer.** Disponível em: <
<http://www.uefs.br/nef/marinaide5.pdf>>

O Antigo Egito em espaços privados: um estudo de egiptomania. Disponível em: <
<http://static.recantodasletras.com.br/arquivos/2481887.pdf>>

TADEMA, Sir Lawrence Alma. **Jogadores de Xadrez Egípcio.** Disponível em: <
<http://pt.wahooart.com/A55A04/w.nsf/Opra/BRUE-8EWRD6>>

NASSER, Maria Celina Cabrera. **O uso de símbolos: sugestões para a sala de aula.** São Paulo: Paulinas, 2006.

Pirâmide Natal Hotel. Disponível em: < <http://www.malapronta.com.br/hotel705-piramide-natal-hotel-convention/fotos>>

Pirâmide do Parque do Povo. Disponível em: <
commons.wikimedia.org/wiki/File:Pir%C3%A2mide_do_Parque_do_Povo_Campina_Grande.jpg>

RABUSKE, Edvino A. **Antropologia Filosófica.** Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

ROAF, Michael. **Mesopotâmia e o antigo Médio Oriente.** Edições Del Prado, v. I.

ROAF, Michael. **Mesopotâmia e o antigo Médio Oriente.** Edições Del Prado, v. II. **Recriando e divulgando o Egito Antigo no Brasil.** Disponível em: <
<http://static.recantodasletras.com.br/arquivos/2261055.pdf>> Acesso em 18:11:2012 10:00h

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **Antropologia das formas sensíveis**: entre o visível e o invisível, a floração de símbolos. Disponível em:

<<http://www.ufrgs.br/ppgas/ha/pdf/n2/HA-v1n2a08.pdf>>

SABALLA, Viviane Adriana. **Egiptologia no Rio Grande do Sul**: simbologia e manifestações. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998, p. 229-247.

SHAKESPEARE, William. **Antonio e Cleópatra**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2007.

SOUSA, Rogério Ferreira. **O antigo Egito no Espólio Bibliográfico da Biblioteca Central da faculdade de Letras da Universidade do Porto**. 2007.

SAID, Edward W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

SILIOTTI, Alberto. **Grandes Civilizações do passado**: Egito. Folio, 2006.

SILIOTTI, Alberto. **Primeiros Descobrimientos**: a descoberta do Antigo Egito. Folio, 2007.

SITCHIN, Zecharia. **Fim dos Tempos**: Profecias Egípcias e Destinos Humanos. São Paulo: Madras, 2009.

SITCHIN, Zecharia. **Gênesis revisitado**: As Provas Definitivas de que os Extraterrestres Estiveram Entre Nós. Editora Best Seller, 1990.

SITCHIN, Zecharia. **O Começo do Tempo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2008. **Surgimento da civilização egípcia**. Disponível em:<
<http://static.recantodasletras.com.br/arquivos/3822775.pdf>>

Templo da Legião da Boa vontade. Disponível em: <
http://www.abracambrasil.org.br/110/11025015.asp?slCD_ORIGEM=&ttBuscar=45>

TOROPOV; BUCLES, Brandon; Padre Luke. **O guia completo das religiões no mundo**. São Paulo: Madras, 2006.

TRESIDDER, Jack. **O grande livro dos símbolos**. Um guia ilustrado de imagens, ícones e signos – seus conceitos, histórias e origens. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

VERSLUIS, Arthur. **Os Mistérios Egípcios**. São Paulo: Cultrix, 1991.

WILDUNG, Dietrich. **O Egito**: da Pré-História aos Romanos. Lisboa: Taschen, 1998.

